

PROJETO CARAJÁS II E III: "MENINA DOS OLEOS DO GETAT"

→ Carajás II e III fazem parte do Projeto Grande Carajás, localizado no Sudeste do Pará, município de Marabá. Esses Projetos integram o "Cinturão Verde" que cerca o Projeto Mineral da Serra Norte e Serra Sul - conhecido nominalmente como Serra dos Carajás.

Esses dois Projetos dependem diretamente da Coordenadoria do GETAT e forma a Sub-unidade Serra Norte (SUNORTE). Essa Sub-unidade merece uma atenção especial, pois aí foram assentados pequenos agricultores, trazidos das áreas de conflitos do Sudeste do Pará, Sul do Maranhão, Norte do Goiás (Bico do Papagaio)... Quase todos os colonos assentados aí têm uma história de conflitos de terra para contar.

O levantamento feito da procedência dos colonos do Carajás II e III é significativo.

ORIGEM DOS COLONOS

É evidente, pelo grande número de entrevistados, que os assentados no Projeto CARAJÁS AGRÍCOLA são, na sua quase totalidade, procedentes de áreas de conflitos fundiários. A situação fundiária dos Estados envolvidos pelo GETAT, sempre foi de expulsões da terra, queimas de casas, morte de posseiros e pistoleiros. A medida achada pelo GETAT (administração IRIS PEDRO DE OLIVEIRA) não foi de solucionar o conflito na sua raiz (fonte), com desapropriação das áreas em conflito, mas sim de transferir alguns posseiros de áreas em conflito para o Projeto Carajás Agrícola, deixando a terra concentrada nas mãos de latifundiários. Alguns poucos posseiros que não vieram de áreas de conflito originaram-se de antigas colônias agrícolas, da época da construção da Belém-Brasília, cujas terras já não produziam mais ou já estavam concentradas nas mãos de poucos.

PROVENIÊNCIA DOS COLONOS DO CARAJÁS II E III

época do levantamento SET. 85

Local de Origen	Nº de colonos (famílias)	Nº de Pessoas
<u>PARÁ</u>	866	5.794
Rio Verde	264	1.848
Marabá	218	1.308
São Geraldo	135	945
Área CVRD	93	615
Rio Maria / Xinguara	82	574
Redenção	72	504
<u>GOIÁS</u>	543	5.862
Bernardo Sayão	141	1.028
Axixá	96	672
Araguatins	69	483
Augustinópolis	63	444
São Sebastião	58	406
Araguaína	34	238
Babaçulândia	32	198
Guaraí	26	152
Colinos	24	144

MARANHÃO	80	544
Imperatriz	39	273
Açailândia	26	179
João Lisboa	15	102
COAGRI (técnicos)	62	
T O T A L	1.551 (colonos)	10.200 (pessoas)

FINALIDADES DO PROJETO

A criação do Projeto Carajás Agrícola veio favorecer vários interesses, dentre os quais enumeramos os seguintes:

- a) Transferência de posseiros de áreas de conflito para o Projeto, provendo, temporariamente, a distensão nas áreas de conflito;
- b) Formação do "Cinturão Verde" ao redor do Projeto Mineral do Carajás, com a finalidade de produzir gêneros alimentícios de primeira necessidade aos trabalhadores do Projeto Mineral;
- c) Criação de um grande exército industrial de reserva de mão-de-obra, encastrado ao Projeto Mineral;
- d) Formação de uma barreira humana ao redor da Serra Norte e Serra Sul, impedindo a invasão das áreas minerais por posseiros, garimpeiros, aventureiros...
- e) Concentração, numa mesma área, de posseiros com experiências em conflitos, permitindo-se, assim, um melhor controle, já que, tendo um pedaço de terra, dificilmente ocupará outras terras.

Transparece claramente, tanto pela origem dos colonos, quanto pela finalidade do Projeto Agrícola que, uma questão meramente social, foi colocada o tempo todo como uma questão de Segurança Nacional. Isso confirma a ideologia da Segurança Nacional, apregoada pelos militares que viam a questão da terra não como uma questão social, mas como uma questão de segurança nacional. A própria criação do GETAT tem sua origem nesta concepção, pois sempre esteve ligado diretamente ao Conselho de Segurança Nacional.

INSTALAÇÃO DOS COLONOS

O Projeto Agrícola Carajás foi inaugurado no dia 31 de maio de 1983, pelo então Ministro Extraordinário de Assuntos Fundiários, General Danilo Venturini e pela Ministra da Educação, Ester de Figueiredo Ferraz. Isso ocorreu numa elevação da VS-10, próximo do Núcleo Urbano de Rio Verde. Neste dia, as casas que se avistava do palanque, em que estavam as autoridades, estavam todas concluídas e pintadas. O palanque estava cercado de mudas, trazidas a alto custo do Projeto Tucumã, da Andrade Gutierrez; mudas estas que foram perdidas, servindo somente de decoração para o Palanque. Inaugurava-se, naquele dia, a "Menina dos Olhos do GETAT".

Os colonos eram trazidos pelo GETAT. Ao chegar, recebiam o seu lote,

madeira e telhas para a construção da casa, poço aberto e salários nos primeiros seis meses. Esses benefícios, porém, não foram distribuídos para todos. Alguns receberam somente os lotes, e os que receberam os benefícios assinaram um contrato, obrigando-se a pagar depois ao GETAT, em prestações, o que haviam recebido.

Ressalte-se também aqui que, apesar de o Projeto de Colonização, bem como a Sede do GETAT serem em Marabá, para diminuir as dúvidas ou desavenças entre colonos e o GETAT, uma cláusula reza que o fôro de decisões é Belém.

INFRA-ESTRUTURA DO PROJETO

Foram construídos 551 Km de Estradas Vicinais, principais e secundárias, que são conhecidas como VP (Via Principal) e VS (Via Secundária). Algumas estradas de fazendas, já existentes, foram recuperadas, sendo chamadas de VE (Via Existente). Foram colocados 8.855m de bueiros e feitos 240 m de pontes. Após 2 anos, essas vicinais encontram-se sem condições de tráfego no período do inverno amazônico, constituindo-se num alvo das maiores críticas dos colonos ao Projeto, pois ficam isolados, logo após as primeiras chuvas. Eles ficam sem poder escoar a produção e sem acesso à cidade, em casos de doenças. Alguns colonos afirmaram que, se não houvesse recuperação dessas estradas antes do inverno, iriam embora.

Existe no interior do Projeto dois Núcleos Urbanos, denominados de CEDERE (Centro de Desenvolvimento Regional). O CEDERE I, a 25 Km do Rio Verde, é composto de 5 casas de funcionários, uma escola, uma enfermaria, um almoxarifado, um laboratório, um refeitório e alojamento para a seleção dos colonos, 3 escritórios e um posto radiofônico. Situa-se numa área cercada de arame farpado, com guarita e guarda na entrada. No primeiro ano toda essa infra-estrutura funcionou. Depois foram desativados: laboratório, almoxarifado, refeitório, alojamentos, rádio e 2 escritórios. Restam apenas cinco funcionários, que são: 2 enfermeiros, 2 motoristas e o guarda. O médico, que antes residia lá, passou a vir, teoricamente, todas as segundas-feiras - mas tal vinda é irregular, passando às vezes mais de 15 dias sem vir ao posto. Para suprir a ausência do médico, existe uma ambulância para levar os casos graves para Parauapebas - só que, quando não está parada por pane, encontra-se, na maioria das vezes, sem combustível, tendo os colonos que comprar a gasolina necessária para levar seus doentes. Foi ressaltado pelos colonos a boa-vontade dos motoristas e enfermeiros, já que é difícil o motorista trabalhar sem veículo em condições e os enfermeiros atender os colonos muitas vezes sem remédios.

Na memória do povo, a presença dos médicos foi marcante, com lembranças boas e ruins dos que passaram pelo CEDERE I. Os colonos citaram o nome de 3 deles: Dr. Fernandes, de triste memória, pois o mesmo andava armado constantemente, até para fazer consultas, com tratamento grosseiro; Dr. Faisal, do qual eles gostavam, por tratá-los de maneira digna e atenciosa - desentendeu-se com o responsável pelo projeto, Sr. Carlos Henrique Lélis, qualificado pela esposa de um colono como sádico, ditador e maníaco (em conversa com o Dr. Faisal, em Rio Verde, o mesmo confirmou ser o Carlos Henrique apenas um desequilibrado mental). Foi também médico do CEDERE I, Dr. Gabriel, que tentou a criação de um conselho, formado por represen-

tantes de cada Vicinal. Tal proposta surgiu do médico ao saber que os colonos iriam formar uma Associação.

O CEDERE II, é localizado a 70 Km do Rio Verde. Possui a mesma infra-estrutura do CEDERE I, só que o núcleo urbano está em processo de crescimento, tendo ao seu redor mais de 100 casas. O grande problema é a falta total de água.

Além do núcleo urbano ser bem maior que o do CEDERE I, encontra-se, morando nele, o responsável pelo projeto todo, Pedro Feitosa, recente sucessor do Sr. Carlos Henrique - o qual, confirmando-se a versão dos colonos do CEDERE I, que o classificam como louco, foi retirado do seu posto, mas não sem a rebelião dos colonos do CEDERE II, que promoveram quebraadeiras nas instalações do GETAT.

Se no CEDERE I os colonos tem estima pelos funcionários do GETAT lá residentes, o mesmo não ocorre no CEDERE II, principalmente pelo mau atendimento dos funcionários da área da saúde. Os colonos deste Centro informaram que estão na expectativa da nova administração, dizendo ser o Sr. Pedro Feitosa o oposto do Carlos Henrique.

Existem, em toda área do Projeto, oito escolas, com prédios de madeira, cobertos de telhas comuns, com duas salas de aula, uma secretaria, uma cozinha e banheiros (afastados do prédio principal). Além das carteiras e quadros, não têm nenhum material didático e as secretarias encontram-se vazias. Na cozinha não tem fogão, panelas, nem tampouco merenda escolar. Encontra-se caixas d'água e canalização, mas não foram feitos poços. Na escola do CEDERE I, até o ano de 1984, tinha energia elétrica e aula noturna para adultos - porém, a energia foi retirada. As escolas são poucas para a área do Projeto, ficando alunos muito distantes das mesmas. A escola da VS-II, por exemplo, dista 30 Km da escola da VS-44 A. Está prevista, porém, a imediata construção de mais escolas.

O maior absurdo no setor educacional é o não pagamento do salário dos professores, desde janeiro de 1985. Alguns estão 11 meses sem receber. Muitas escolas encontram-se fechadas, pois os professores não têm mais condição alguma de trabalho. Endividados, obrigam-se a procurar outros meios de sobrevivência. A maior queixa dos professores é a falta de salários e, logo em seguida, reclamam da falta de acompanhamento pedagógico (os alunos nunca saem de uma série) e do isolamento a que são submetidos. Os responsáveis pelo projeto alegam que as escolas foram entregues à Prefeitura Municipal de Marabá, e que a verba para o pagamento dos professores foi repassada à Secretaria Municipal de Educação, desde o mes de junho.

ESTRUTURA FUNDIÁRIA

O tamanho dos lotes é de, no máximo, 10 alqueires, encontrando-se vários colonos com lotes abaixo de 5 alqueires - sendo que pagam o ITR como se possuíssem 10 alqueires. Grande parte dos lotes foi demarcada, mas ainda não foram medidos. Foram assentados 1.551 colonos, rigorosamente selecionados, com exames médicos, excluindo-se agricultores com pequenas deficiências físicas. O Sr. Joaquim Pereira da Silva, por exemplo,

que mora e trabalha como agregado num lote de outro colono, na VS-11, foi excluído na seleção por ter um pequeno defeito físico na mão esquerda. Devido a esta deficiência, o GETAT não lhe dá acesso a um lote, onde possa trabalhar. Porém, ao mesmo tempo, é considerado apto ao trabalho pelo FUNRURAL, que não lhe concede aposentadoria, por considerá-lo normal...

sem terra
Como já foi dito, foram assentados 1,551 famílias de colonos. Na estimativa dos assentados existem, na atualidade, aproximadamente 500 famílias de trabalhadores rurais sem terra, dentro do projeto, esperando receber um lote. Estão morando e fazendo roças nos lotes de colonos conhecidos, já assentados, o que gera, às vezes, conflitos entre o assentado e o não assentado.

Cercando o Projeto Agrícola, e por vezes penetrando, existem muitas famílias, gerando graves problemas, que vão desde os conflitos fundiários até a reconcentração da terra. Na VP-2, por exemplo, o gado do fazendeiro Olinger entrou várias vezes nas roças dos colonos vizinhos, principalmente do colono de nome João Rolino. Em outubro de 1984 os colonos, revoltados, mataram 45 cabeças de gado, que invadiram suas roças. Os mesmos colonos alertaram que, neste verão, o gado continua solto. Na VS-44 A, o gado do fazendeiro conhecido como Gessi, entrou várias vezes nas roças dos colonos. O gado do Gessi destruiu lavouras na VE-2, por 2 anos consecutivos, sendo os colonos mais prejudicados Wilmar, Belchior e Tinozinho, obrigados, pelo fazendeiro, a construírem cercas e mataburros.

ocupação de terras
Os agricultores que não foram assentados, encontrando-se na categoria dos Sem Terra, estão promovendo ocupações de terras improdutivas, com pretensos donos que denominam tais terras de fazendas. As áreas conhecidas como Gleba 3 Braças e Fazenda Brasil, a última reclamada pelo ex-Deputado Federal por Santa Catarina, Francisco Oreste Libardoni, estão ocupadas.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

, dando início ao Convênio MEC - COAGRI - GETAT, foram trazidos jovens técnicos-agrícolas, recém formados, da Escola Agrícola de Castanhal - Pará, e de Escolas Agrícolas do Rio Grande do Sul. Cada um recebeu um lote de terra, em igualdade de condições com os colonos, com a incumbência de fazerem de seus lotes modelos para os colonos vizinhos. Tal "assistência técnica", como era previsível, se tornou um grande fracasso. Quase todos esses jovens técnicos abandonaram seus lotes, retornando aos seus lugares de origem ou procurando emprego na Vale do Rio Doce, Estabelecimento Bancário do Rio Verde, Oficina Mecânica... Os raros "sobreviventes" do projeto devem-no ao apoio recebido de familiares e amigos, sendo atualmente simplesmente colonos.

→
A razão do fracasso deve-se à total falta de experiência e conhecimento da agricultura local. Enquanto os assentados, na sua totalidade, vinham de áreas em que já tinham desenvolvido atividades agrícolas similares e acompanhados de seus familiares, os técnicos eram jovens recém formados, que vinham para o mato sozinhos, enfrentando, como já foi dito, as mesmas

condições dos colonos. Faltou-lhes um apoio moral e material como: salário, semente, condução, já que é impossível cuidar de sua própria roça e ainda dar assistência aos colonos vizinhos, sem condições materiais para tal. Um técnico gaúcho falou o seguinte: "viemos para ensinar aos colonos, mas foram eles que nos ensinaram e nos apoiaram, até dando-nos comida".

Os raros técnicos agrícolas restantes, que viraram colonos, confirmaram ser a agricultura desenvolvida a de subsistência, que somente dá para sobreviver, não permitindo nenhum acúmulo de capital, por parte dos colonos, além de prejudicar a estrutura da terra. Segundo eles, a saída seria o incentivo de culturas permanentes, como o cacau, guaraná, café, seringa, castanha, etc... Porém, para desenvolver este tipo de agricultura é preciso mudar a assistência e insumos agrícolas, o que, infelizmente, nunca existiu e nem foi cogitado.

C O N C L U S ã O

Ficou evidente que a preocupação inicial do projeto de colonização Carajás II e III foi a Segurança Nacional, paranóia principal da Ditadura Militar. Esta paranóia é ilustrada desde a implantação do projeto, funcionando guaritas, com guardas armados e correntes, para controlar rigorosamente a entrada de qualquer pessoa, tendo os colonos carteiras de identidade especiais. Os conhecidos CEDEREs foram construídos com cercas de arame farpado ao redor e casas para guardas, não se sabendo de quem eles queriam proteger-se no meio da mata, conseguindo provocar simplesmente o terror no meio do povo.

O controle do GETAT sempre foi total sobre os colonos, sendo que, por uma simples briga de vizinhos, ele tem a autoridade de retirar colonos.

O GETAT era a Polícia, o Prefeito, as Secretarias... funcionando o Projeto como um mundo a parte, só não conseguindo criar uma religião, apesar de quererem ser os deuses. Cabe à nova administração do GETAT a árdua tarefa de integrar o projeto à sociedade brasileira, com a presença de órgãos municipais e estaduais que se encontram em outros locais. Isto se impõe, pois do contrário, a persistir esta falta de apoio e de infra-estrutura, a terra será reconcentrada pelo latifúndio. Hoje mesmo, compra-se terra boa, limpa, bem localizada, por quantias irrisórias...

Comissão Pastoral da Terra
Trav. 13 de Maio. 208
Caixa Postal 182
CEP 68.500 MARABÁ - PARA